

A TECNOLOGIA APLICADA NA ESCOLA

Por: Maria Elisa Esteves e Sergio



CAPÍTULO 1

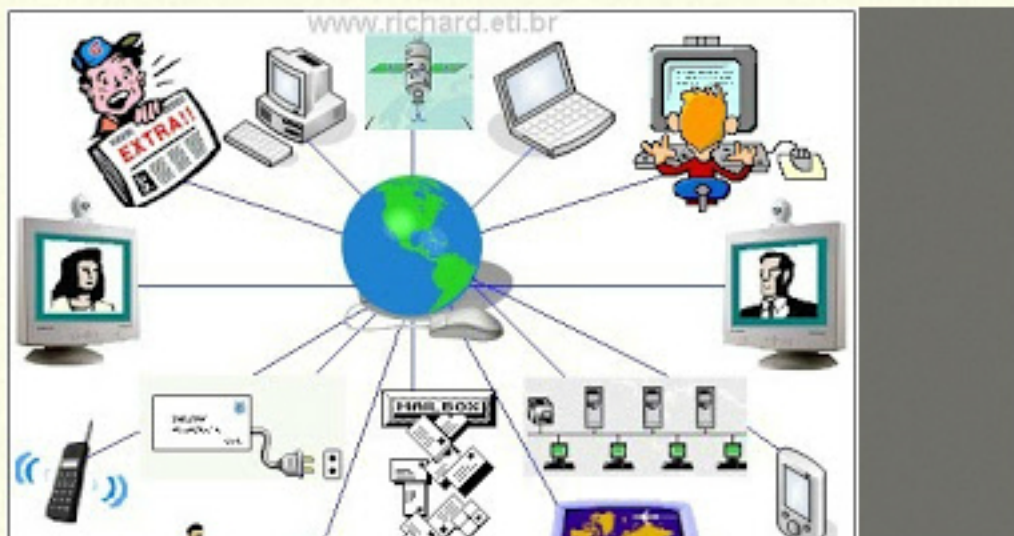
A ESCOLA E OS ALUNOS

O mundo é outro, o aluno é outro e a escola é a mesma. Esta constatação resume a dificuldade das escolas brasileiras, especialmente as que pertencem à rede pública, para se adaptarem ao ambiente multimídia gerado pelas novas tecnologias e ao aluno multitarefa, que nasceu na era digital e não depende mais do quadro-negro para obter informação e conhecimento. E a defasagem não é apenas material: em muitos casos, talvez até na maioria, o professor não está preparado para atuar como facilitador da aprendizagem diante de alunos que querem interagir e fazer uso dos recursos tecnológicos disponíveis. Assim, temos estudantes com a expectativa de aprender e produzir conteúdos numa escola incapaz de atendê-los, invariavelmente oferecendo recursos pedagógicos ultrapassados e desinteressantes.



Não é, evidentemente, culpa dos professores. Também eles são vítimas da dificuldade do poder público para equipar adequadamente a rede escolar e para promover treinamento profissional compatível com os novos modelos de ensino, já praticados nas instituições privadas. Há, porém, os que não se conformam com a exclusão e buscam compensar as deficiências da escola com alternativas criativas, atualizando-se por conta própria e procurando oferecer aos alunos um pouco mais do que a rotina de aulas expositivas e decorebas. Esta é a mentalidade que haverá de tirar a escola do atraso.

A qualificação do ensino brasileiro não depende apenas da adoção de modernos recursos tecnológicos. O leque de problemas é mais amplo e mais complexo. Mas não pode haver dúvida de que a escola tradicional já não cumpre mais a atribuição de habilitar estudantes para a vida acadêmica ou para a iniciação profissional. É por conta das carências da escola - e não dos alunos - que muitos ficam pelo caminho. Por isso, essas carências precisam ser evidenciadas, para que autoridades, professores, pais, todos os setores da sociedade, assumam o compromisso de oferecer aos jovens da geração digital uma alternativa de educação mais moderna e eficaz.



CAPÍTULO 2- TECNOLOGIAS

Deixemos, desde o início, algo claro; ninguém, em pleno exercício de suas faculdades mentais, pode ser contrário a inserção da tecnologia nas escolas, e isso trata-se de um programa extremamente emergencial. Para entendermos melhor, basta-se dizer que vivemos e atuamos em um mundo globalizado, onde a tecnologia aliada a internet, é essencial ao mundo todo, a importância é tanta que pessoas de países diferentes se comunicam com pessoas de países contrários, fazendo do mundo uma globalização virtual.

As escolas, a educação em si, os profissionais da educação devem estar preparados para essa globalização, para atender essa gama de alunos que estão diante dessa realidade que para muitos, ainda é assombrosa, e para a maioria, ainda é um desafio, inclusive para o corpo docente que não se encontram preparados para essa inserção, onde os sistemas de educação, não conseguem oferecer profissionais capacitados para atender a essa tecnologia globalizada.



Novas necessidades estão surgindo com o novo tipo de estrutura social e política que estamos vivendo. O mundo globalizado nos impõe os mais diversos desafios. O principal dos desafios é o espírito de competição acirrada que, em muitos casos, é confundido com “degladramento intelectual”, isto é, cada um vivendo como destruidor de si próprio e, em muitos casos, de idéias. No entanto, principalmente quando observamos pessoas com menos acesso à informação, as palavras de Maturana tornam-se quase proféticas: “As culturas são conservadoras, de tal modo que uma mudança pode ser imperceptível, no sentido de que uma pessoa não se dá conta porque as condições de vida vão mudando, ou mudam as condições de vida sem haver mudança cultural [...] penso que seja o que acontece com a tecnologia da comunicação atualmente. Ou porque há situações que são comoventes que faz com que alguém se pergunte por que está vivendo de um modo que não gosta, de estar vivendo num determinado momento.”.



Toda essa reflexão nos remete a uma fala de Papert: “Precisamos saber como enfrentar um problema inesperado para o qual não há uma explicação preestabelecida. Precisamos adquirir habilidades necessárias para participar da construção do novo ou então nos resignarmos a uma vida de dependência. A verdadeira habilidade competitiva é a habilidade de aprender. Não devemos aprender a dar respostas certas ou erradas, temos de aprender a solucionar problemas”.

A educação na sociedade da informação deve ser um fator que promova a igualdade social além do desenvolvimento pessoal e coletivo; um direito básico adquirido após anos de evolução e não unicamente um produto mercadológico que os grandes conglomerados digitais nos fazem engolir. Nós, professores temos, além de tudo, o dever de tentar mostrar aos nossos alunos que as novas tecnologias não devem agravar as divergências sociais existentes. Cabe questionarmos se estamos preparados para este caminho.



digite aqui

FSJT-

Maria Elisa Esteves Ribeiro - Gestão Escolar
Sergio dos Santos - Docência do ensino superior